

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO — 5
<i>Nélson Jahr Garcia</i>
BIOGRAFIA DO AUTOR — 13
CAPÍTULO I — 16
CAPÍTULO II — 19
CAPÍTULO III — 22
CAPÍTULO IV — 24
CAPÍTULO V — 33
CAPÍTULO VI — 37
CAPÍTULO VII — 41
CAPÍTULO VIII — 46
NOTAS — 48

**OS OUVIDOS DO CONDE DE CHESTERFIELD
E O CAPELÃO GOUDMAN**



VOLTAIRE

APRESENTAÇÃO

Nélson Jahr Garcia

Pensador profundo, desenvolveu uma filosofia impecável que marcou sua época e nos influencia até hoje. Voltaire produziu inúmeras obras; em todas se encontram alguns traços constantes.

A peculiaridade formal encontra-se na postura crítica. Diplomacia não há nenhuma, sutileza sim, mas nem tanto. Ironia, irreverência e sarcasmo não flutuam na superfície, atingem raízes. Não perdoa costumes, religiões, crenças, superstições, raças, governos ou autoridades.

Neste conto Voltaire vai além de escarnecer, investe com virulência.

O texto, basicamente, se desenvolve através de discussões filosóficas entre o padre Goudman, o médico e anatomista Sidrac e, depois, o senhor Grou. Fazem contraponto cada um com os demais, todos concordando entre si: é Voltaire apresentando suas concepções através deles.

Defensor ardoroso da liberdade de expressão, talvez até por ter sido tão criticado e perseguido, não deixou de enfatizar:

Se estivéssemos nos bancos da Escola, argumentaríamos como os personagens de Rabelais. Se vivéssemos nos séculos de horrendas trevas que envolveram por tanto tempo a Inglaterra, um de nós dois faria talvez queimar o outro. Estamos num século de razão; encontramos facilmente o que nos parece a verdade, e ousamos dizê-lo.

Permanentemente pessimista, a ponto de dedicar todo um romance contestando as idéias otimistas de Leibnitz (Cândido), Voltaire inicia declarando:

Ah! a fatalidade governa irremisivelmente todas as coisas deste mundo. Assim o julgo, como de razão, por minha própria aventura.

A conclusão, ao final, reforça:

... mais do que nunca persuadido de que a fatalidade governa todas as coisas deste mundo.

Como sempre, ridiculariza com rancorosa inteligência os dogmas católicos:

Pareceu-me ainda mais ridículo que Deus criasse uma alma no momento em que um homem deita com uma mulher.

Pareceu-me blasfematório que Deus esperasse a consumação de um adultério, de um incesto, para recompensar essas torpezas criando almas em seu favor. E ainda pior quando me dizem que Deus tira do nada almas imortais para as fazer sofrerem eternamente incríveis tormentos. Como! queimar seres simples, seres que nada têm de queimável! Como faríamos para queimar um som de voz, um vento que acaba de passar? E ainda esse som, esse vento, eram materiais no breve instante da sua passagem; mas um espírito puro, um pensamento, uma dúvida? Isto me confunde. Para qualquer lado que me volte, só encontro obscuridade, contradição, impossibilidade, ridículo, sonhos, impertinência, quimera, absurdo, tolice, charlatanismo.

Os judeus, cujos costumes sempre hostilizou com certo cuidado, aqui o faz com mais veemência.

Muitas vezes me perguntaram se os habitantes desse país imenso chamado Nova Zelândia, e que são hoje os mais bárbaros de todos os bárbaros, eram batizados. Respondi que não o sabia, mas bem poderiam sê-lo; que os judeus, que eram mais bárbaros que eles, tinham dois

batismos em vez de um, o batismo de justiça e o batismo de domicílio.

Em outro trecho:

É assim que pensavam os primeiros hindus, que veneravam o Linga, símbolo da geração; os antigos egípcios, que carregavam o Falo em procissão; os gregos, que erigiam templos a Priapo. Se é permitido citar a miserável nação judia, grosseira imitadora de todos os seus vizinhos, está escrito nos seus livros que esse povo adorou Priapo, e que a rainha mãe do rei judeu Asa foi sua grã-sacerdotisa.

Os jesuítas, seus adversários prediletos, não passaram incólumes:

É de todas as cerimônias religiosas, a mais respeitável sem dúvida. Fui testemunha de tal cerimônia, bem como toda a equipagem de nosso navio. Não se trata aqui de fábulas de missionários, tais como às vezes se encontram nas “Cartas edificantes e curiosas” dos reverendos padres jesuítas.

E com que charme se refere a uma cerimônia exótica na qual se praticavam atos que os

membros da Igreja proibiam mencionar, embora praticassem com entusiasmo.

Encontramo-la rodeada de cerca de mil pessoas de ambos os sexos, dispostas em semicírculo, e num silêncio respeitoso. Uma jovem, muito linda, simplesmente vestida de um roupão galante, achava-se deitada sobre um estrado que servia de altar. A rainha Obeira ordenou a um belo jovem de cerca de vinte anos que fosse sacrificar. Este pronunciou uma espécie de oração e subiu ao altar. Os dois sacrificadores estavam seminus. A rainha, com um ar majestoso, indicava à jovem vítima a maneira mais conveniente de consumir o sacrifício. Todos os otaitianos se mostravam tão atentos e respeitosos que nenhum dos nossos marinheiros ousou perturbar a cerimônia com um riso indecente. Eis, pois, o que eu vi, eis o que toda a nossa equipagem viu. A vós cumpre tirar as conseqüências.

O auge da irreverência fica por conta da tese segundo a qual as decisões humanas são governadas pelo funcionamento intestinal. Veja-se as passagens mais significativas:

No dia seguinte os três filósofos abordaram a grande questão: qual o

primeiro móvel de todas as ações dos homens. Goudman, a quem sempre lhe doera a perda de seu cargo e da sua bem-amada, disse que o princípio de tudo era o amor e a ambição. Grou, que vira mais terras, disse que era o dinheiro; e o grande anatomista Sidrac assegurou que era a privada.

Sempre observei que todos os negócios deste mundo dependem da opinião e da vontade de um principal personagem, seja o rei, ou o primeiro ministro, ou alto funcionário. Ora, essa opinião e essa vontade são o efeito imediato da maneira como os espíritos animais se filtram no cérebro e daí até a medula alongada; esses espíritos animais dependem da circulação do sangue; esse sangue depende da formação do quilo; esse quilo elabora-se na rede do mesentério; esse mesentério acha-se ligado aos intestinos por filamentos muito delgados; esses intestinos, se assim me é permitido dizer, estão cheios de merda.

Que acontece então a um homem com prisão de ventre? Os elementos mais tênues, mais delicados da sua merda, se misturam ao quilo nas veias de Asellius, vão à veia-porta e ao reservatório de

Pecquet; passam para a subclávia; penetram no coração do homem mais galante, da mulher mais faceira. É uma orvalhada de bosta que se lhe espalha por todo o corpo. Se esse orvalho inunda os parênquimas, os vasos e as glândulas de um atrabiliário, o seu mau-humor transforma-se em ferocidade; o branco de seus olhos se torna de um sombrio ardente; seus lábios colam-se um ao outro; a cor do rosto assume tonalidades baças. Ele parece que vos ameaça; não vos aproximeis; e, se for um ministro de Estado, guardai-vos de lhe apresentar um requerimento. Todo e qualquer papel, ele só o considera como um recurso de que bem desejaria lançar mão, segundo o antigo e abominável costume dos europeus. Informai-vos habilmente de seu criado se Sua Senhoria foi aos pés pela manhã.

Isto é mais importante do que se julga. A prisão de ventre tem produzido às vezes as mais sanguinolentas cenas. Meu avô, que morreu centenário, era boticário de Cromwell; contou-me muitas vezes que fazia oito dias que Cromwell não ia à privada quando mandou degolar o seu rei.

Ler Voltaire, mais uma vez, é adquirir conhecimento, aproximar-se da sabedoria e, porque não, rir do que pretendem seja sério.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

